

Leandro Konder, Exponente do Pensamento Político e Social Brasileiro

Leandro Konder, Exponent of Brazilian Political and Social Thought

Mateus Tuzzin de Oliveira¹ 

Nagel Fagundes² 

Resumo

O artigo visou apresentar a vida e a obra de Leandro Konder (1935-2014) como expoente do pensamento político e social brasileiro. Tendo em vista tal objetivo, os autores recorreram à divisão e abordagem de seu *corpus* teórico em três aspectos: a) o aspecto divulgador; b) o aspecto político; e c) o aspecto estético. Através da exposição, verificou-se que o pensamento do autor enfrentou mutações no correr das décadas em que participou ativamente da discussão de ideias na cultura brasileira. Ao mesmo tempo, pondo ênfase em suas ideias políticas, buscou-se demonstrar as razões históricas para sua mudança. Por fim, procurou-se apontar que a obra do autor consiste em uma fonte aberta de perguntas, tanto quanto uma introdução a temas variados, justificando-se o convite à sua leitura.

Palavras-chave: Leandro Konder; marxismo brasileiro; comunismo; pensamento social; pensamento político.

Abstract

The article aimed to present the life and work of Leandro Konder (1935-2014) as an exponent of Brazilian political and social thought. With this objective in mind, the authors resorted to the division and approach of his theoretical corpus into three aspects: a) the divulging aspect; b) the political aspect; and c) the aesthetic aspect. Through the exhibition, it can be verified that the author's thought faced mutations over the decades in which he actively participated in the discussion of ideas in Brazilian culture. At the same time, placing emphasis on his political ideas, an attempt was made to demonstrate the historical reasons for their change. Finally, the article's authors tried to point out that the author's work consists in an open source of questions, as well as an introduction to various themes, justifying the invitation to read it.

Keywords: Leandro Konder; Brazilian Marxism; communism; social thought; political thought.

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil (PPGCS/UFSM, Santa Maria, RS, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6829-8064>.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela (PPGS/UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0846-2456>.

Um Exponente por Desvendar

Por sua abrangência e profundidade, a vida e a obra de Leandro Konder (Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1935 – Rio de Janeiro, 12 de novembro de 2014) merece figurar na lista de representantes do pensamento político e social no Brasil. Pertencente a uma linhagem específica do referido pensamento, a do “marxismo de matriz comunista”³ (BRANDÃO, 1995, 2005, p. 236), a atividade do autor perfez um conjunto rico e variado. Marxista, filósofo, romancista, poeta, tradutor, ou, conforme se autodenominou em seu livro de memórias, um intelectual comunista, Konder hipotecou sua vida à elaboração de uma obra que constitui um mosaico diferenciado de temas e questões, espalhados pelos quase trinta livros (cf. *infra* “Lista de obras”) que deu ao público, além de numerosas intervenções jornalísticas, atividades universitárias e palestras, proferidas tanto no Brasil como no exterior.

Konder pertenceu àquela geração de intelectuais que contribuiu para a renovação do marxismo no Brasil, a partir da segunda metade do século XX. De obra plural e interpretações distintas, tais autores elaboraram um conjunto de pesquisas que atualizaram o arcabouço analítico do marxismo brasileiro.

Além de situada contra o pano de fundo desse movimento intelectual, a inclusão da obra de Konder no rol de expoentes do pensamento político e social brasileiro se justifica por seu cariz pedagógico. Publicista e estudioso incansável, seus livros contribuíram para formar gerações de ativistas e militantes (de orientações teóricas e políticas diversas) que sucederam a sua. A esse respeito, bastaria citar um livro como *O que é dialética* (KONDER, 1989, p. 143-187), publicado pela editora Brasiliense em 1981 na conhecida Coleção Primeiros Passos, objeto de sucessivas reimpressões e largamente utilizado como material de referência introdutória ao tema, para ter-se ideia da vocação divulgadora do autor. Tal dimensão levou inclusive um comentador a frisar que, a despeito de ser original e constituir um capítulo importante na história das ideias marxistas no Brasil, a obra de Konder “[...] se constitui basicamente de peças de publicística filosófica e cultural” (NETTO, 2009, p. 22).

Não obstante a evidência de que o conjunto da obra esteve marcado por uma intenção divulgadora, torna-se igualmente necessário salientar o aspecto criativo da produção de Konder, que habilita entendê-lo como pensador dotado de luz própria e possuidor de uma interpretação do Brasil cristalizada em suas intervenções, além de divulgador de ideias novas e conhecidas. Consoante a isto, nas páginas a seguir, as ideias de Konder serão apresentadas de forma sucinta segundo três aspectos que permitem qualificá-lo como expoente do pensamento político e social brasileiro, servindo ao mesmo tempo de guia e convite à leitura de sua obra. São eles: a) o aspecto divulgador; b) o aspecto político; e c) o aspecto estético. Inscrito em tal

³ Sobre a novidade representada por esse grupo na história dos comunistas brasileiros, a síntese elaborada por Del Roio mostrou-se percuciente: “Depois de 1958, com o relativo crescimento do PCB, uma leva de jovens intelectuais ingressou na militância organizada. As referências inevitáveis eram Astrojildo Pereira e Nelson Werneck Sodré, mas esses jovens decidiram ir além e ampliar o universo teórico dentro do campo do marxismo sem resvalar para modismos, procurando renovar o instrumental para compreender a realidade brasileira, particularmente em seus aspectos culturais. Logo outros se incorporaram nessa aventura, cujo maior obstáculo e desafio foi precisamente o momento que se seguiu entre a desestruturação do PCB em 1975-1976 até o momento em que ficou evidente a impossibilidade da renovação desse partido” (DEL ROIO, 2002, p. 130-131).

método de exposição, está o objetivo de apresentar o enraizamento político da obra de Konder e demonstrar a tese de que, ao longo de seu percurso, os interesses especificamente intelectuais do autor estão acompanhados de movimentos em suas concepções políticas e ideológicas.

Desde logo, porém, cumpre frisar que tais aspectos se imbricam mutuamente e conformam as linhas gerais do *corpus* teórico legado pelo autor nos mais de cinquenta anos ativo na batalha das ideias transcorrida na cultura brasileira. A um só tempo, implica reconhecer que, em Konder, a vocação intelectual mostra-se inseparável da atividade política. Além das obras especificamente políticas que o autor legou, sua visão de mundo e organização social compareceram igualmente nas obras de divulgação e nas que tratam sobre problemas estéticos. Em busca de aclarar tal interdependência entre produção teórica e ideias políticas, as seções abaixo foram estruturadas.

O Aspecto Divulgador

Conforme mencionado, a faceta mais proeminente da produção de Konder localiza-se em sua intenção divulgadora. A maior parte de sua obra publicada situa-se nesse terreno, que abrange desde o aparecimento de seu primeiro livro, *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação*, publicado pela editora Civilização Brasileira em 1965, até o livro *Filosofia e educação: de Sócrates a Habermas*, saído pela editora Forma & Ação em 2006, e idealizado a partir de sua atividade docente no departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro.

No transcurso das décadas, o número de estudos dedicados por Konder à introdução de ideias e autores relativamente pouco conhecidos afigurou-se monumental. Mesmo antes de sua estreia em livro, Konder já fora responsável pela abordagem de autores pouco veiculados na realidade brasileira do período. Carlos Nelson Coutinho, a esse respeito, elencou cinco artigos publicados por Konder na revista *Estudos sociais*, de 1960 a 1963. Foram eles: *Sartre, suas contradições formais e seus méritos* (n. 9, out. 1960), *Algumas considerações sobre a fisionomia ideológica de Fernando Pessoa* (n. 11, dez. 1961), *O contrato social e o liberalismo burguês* (n. 14, set. 1962), *Marxismo e cristianismo: pressupostos de um diálogo* (n. 16, mar. 1963) e *Alguns problemas do realismo socialista* (n. 17, jun. 1963). Ao primeiro olhar dos artigos, pode-se identificar que a vocação divulgadora já comparecia no Konder da primeira metade dos anos 1960.⁴ E tal vocação revelava a faceta de intelectual público do autor, aquele “imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, ‘persuasor permanente’, já que não apenas orador puro [...]” (GRAMSCI, 1982, p. 8), característico da projeção política inerente à ação do intelectual engajado.

Adicionalmente, deve-se apontar que tal vocação divulgadora não se resumiu à introdução de pensadores relativamente desconhecidos no contexto sociocultural brasileiro por intermédio de escritos visando tal finalidade, mas ligou-se igualmente às atividades de tradução de obras e de apresentação de problemas do marxismo – e não apenas. Para citar apenas dois exemplos que podem ser tidos como emblemáticos: ainda

⁴ Coutinho valeu-se destes escritos para afirmar a presença *in nuce* no Konder dos anos 1960 de tendências que marcaram sua trajetória intelectual, como a autonomia e a coerência, e intitulou *Um filósofo democrático* sua intervenção no seminário organizado em homenagem ao autor/amigo (COUTINHO, 2002, p. 15-29; 2009, p. 10).

em 1965, Konder e Coutinho assinaram juntos a apresentação ao primeiro livro de Antonio Gramsci traduzido no Brasil, excertos dos *Cadernos do cárcere* reunidos em edição temática, intitulado *Concepção dialética da história* (GRAMSCI, 1978, p. 1-9). No mesmo ano, publicado por iniciativa de Konder como volume 58 da coleção Biblioteca do Leitor Moderno, da Civilização Brasileira, veio a lume *Ensaio sobre literatura*, de György Lukács, constituindo igualmente o primeiro escrito do intelectual húngaro traduzido no Brasil.⁵ Esta atividade de divulgação das obras de Lukács e Gramsci, nos idos dos 1960, já apontava para referências que acompanhariam todo o percurso intelectual de Konder.

Na mesma década, Konder publicou pela coleção Vida e Obra, da José Álvaro Editora, dois livros de divulgação, um sobre Franz Kafka, saído em 1966, e outro sobre Karl Marx, de 1968. Nesse último, compareceu a leitura inovadora da trajetória de Marx, baseada na literatura especializada mais recente⁶, que enfocava de modo abrangente a rica complexidade da vida do revolucionário alemão, além de continuar a tônica lançada no estudo sobre a alienação de 1965, isto é, a da valorização do jovem Marx (NETTO, 2009, p. 16). Por fim, ali também foi afirmada a atualidade do *Manifesto comunista*, ponto que Konder abandonaria posteriormente (cf. *infra*) (KONDER, 2015, p. 70).

Contudo, dos escritos de divulgação dos anos 1960 que continham uma visão da política e se alinhavam ao marxismo de matriz comunista, o mais importante consistiu no livro de estreia do autor, *Marxismo e alienação*, publicado em 1965. Segundo um comentador, as páginas de tal obra podem até mesmo ser consideradas a primeira vez que a categoria marxista de alienação foi abordada de maneira sistemática no país (NETTO, 2009, p. 17). Seja como for, ali compareceram diversos dos motes centrais da leitura renovadora do marxismo advogada pelo conjunto de intelectuais brasileiros que entrou em cena naquela década: a importância do legado de Georg Wilhelm Friedrich Hegel na interpretação do desenvolvimento das ideias de Marx e, conseqüentemente, do marxismo (KONDER, 2009b, p. 29-31); a centralidade dos escritos do jovem Marx na apreensão da categoria da alienação (KONDER, 2009b, p. 38); a adesão à leitura gramsciana do marxismo como um *historicismo absoluto* (KONDER, 2009b, p. 48), ao ponto de arrolar Gramsci ao lado de Marx, Engels e Lenin (KONDER, 2009b, p. 205), à maneira de um *quarto* clássico. Outro ponto comum na literatura dos marxistas de matriz comunista, presente na obra, esteve na crítica aberta ao stalinismo como degeneração do ideário marxista original. Escreveu taxativamente o autor: “Em suas tremendas conseqüências negativas, e como vício teórico e prático, o estalinismo não tem absolvição possível” (KONDER, 2009b, p. 207). Com efeito, isto significava que os ecos do processo de *desestalinização* no movimento comunista mundial, deflagrado pelas denúncias de Nikita Khrushchev⁷ que tiveram lugar no XX Congresso do Partido

⁵ Tratava-se de uma coletânea de escritos do filósofo húngaro sobre diferentes nomes da literatura universal (Shakespeare, Balzac, Stendhal, Dostoiévski, Goethe, Schiller e Thomas Mann), com exceção dos dois primeiros ensaios. Desses, o primeiro foi traduzido pelo próprio Konder e tratava-se da conhecida *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*; o segundo, com tradução assinada por Gisele Vianna Konder, consistia em *Narrar ou descrever? Contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo*. Cf. Lukács (1965).

⁶ Dos materiais de que Konder se valeu, dignos de menção são os três tomos do livro de Auguste Cornu, *Karl Marx et Friedrich Engels*; o livro de Henri Lefebvre, *Pour Connaître la Pensée de Karl Marx*; e o livro Maximilien Rubel, *Karl Marx – Essai de Biographie Intellectuelle*.

⁷ Então ocupante recente do cargo de Secretário-Geral do Comitê Central do PCUS e autor da denúncia contida no famoso “relatório secreto”. Para o processo complexo e diferenciado a que se convencionou chamar desestalinização, cf. Deutscher (1968) e Claudín (2013, p. 685-729).

Comunista da URSS (PCUS), realizado em 1956, fizeram-se sentir nas concepções do grupo de intelectuais brasileiros ao qual pertencia Konder, e tal aspecto foi então visível em *Marxismo e alienação*.

Isto equivale a afirmar que aqueles marxistas brasileiros como Konder, cuja atividade deu os primeiros passos nos anos 1960, defrontaram-se com o período em que, nas palavras de um estudioso “[...] teve início um desenvolvimento que os marxistas comunistas chamaram de renascimento do marxismo, orientado sobretudo no sentido de remover os traços daquilo que, no período staliniano, fora chamado de marxismo-leninismo” (MÁREK, 1987, p. 311). No Brasil, tal renascimento/renovação do marxismo foi um dos elementos centrais na atividade teórica e política dos marxistas de matriz comunista como Konder. A luta intelectual contra a vulgata do stalinismo conjugou-se a um projeto político de valorização incondicional da democracia, da luta dentro da ordem, no contexto de uma crescente influência ideológica das esquerdas no pré-1968.

No entanto, esse relativo período de arejamento cultural conjugou-se à mais dura repressão política correspondente ao fechamento ditatorial no Brasil. A 13 de dezembro de 1968, foi baixado o Ato Institucional nº 5 (AI-5)⁸, dando início ao processo de agudização do terrorismo de Estado praticado pela ditadura brasileira, o qual tinha na perseguição aos comunistas um de seus emblemas maiores. Konder, ligado ao Partido Comunista Brasileiro⁹ (PCB), depois de chegar a ser preso e torturado por nove dias (KONDER, 2008, p. 81-82), foi forçado a exilar-se em 1972. O filósofo carioca contava então trinta e três anos de idade e ficaria exilado até 1978, majoritariamente na cidade de Bonn, na Alemanha. Ao longo da década de 1970 conseguiria publicar somente um livro, o *Introdução ao fascismo*, saído em 1977. Segundo narrado em suas *Memórias*, os anos de exílio foram espiritualmente penosos, apesar das condições favoráveis ao trabalho e estudo (KONDER, 2005b, p. 15-16, 2008, p. 89).

Os anos 1980 e 1990, contudo, observaram aquele ímpeto divulgador de sua obra ressurgir com intensidade, *pari passu* à veemente tomada de posição em prol da democracia pelo grupo de intelectuais comunistas ao qual pertencia (gramscianos, eurocomunistas brasileiros e partidários da *Declaração de março de 1958*). Nessas décadas de abertura política e ascensão das lutas sociais no Brasil, Konder publicizou desde autores menos conhecidos, como Flora Tristan e o Barão de Itararé, até figuras consagradas na tradição do pensamento marxista, como Lukács, Walter Benjamin e Bertolt Brecht. Deu a público até mesmo uma introdução a Hegel e um estudo sobre o socialismo de Charles Fourier, além de realizar sua primeira incursão na arena da ficção com o romance *Bartolomeu*, de 1995. Retornado do exílio em 1978 junto com outros intelectuais e ativistas políticos do grupo que ficaria conhecido como o dos *eurocomunistas brasileiros* (cf. *infra*), antes mesmo da promulgação da Lei da Anistia¹⁰, o autor dedicou-se a uma quase febril atividade de escrita e publicação de livros, conforme ele próprio reconheceu

⁸ Conforme demonstrou Gorender (2014, p. 155-169), o AI-5 foi a concretização da vontade política das tendências de extrema direita do sistema imposto desde 1964, que desde lá atuaram no sentido de forjar, através de provocadores e grupos paramilitares, o clima propício ao endurecimento da repressão, terminando quaisquer veleidades liberais ainda remanescentes em setores da ordem.

⁹ Fundado em 1922 como seção brasileira da Internacional Comunista, este partido trazia o nome de Partido Comunista do Brasil até 1961. No mesmo ano, realizou-se uma Conferência Nacional, aprovando novo estatuto, que alterou o nome para Partido Comunista Brasileiro. Num contexto de fricção interna e na esteira do conflito sino-soviético, à época vigente, alguns dirigentes organizaram outra Conferência, onde permaneceram com o antigo nome e passaram a alinhar-se ao Partido Comunista da China. Cf. Segatto (1989, p. 104-106).

¹⁰ Para esse ponto, ver Konder (2008, p. 113).

(KONDER, 1983, p. 70). Paralelamente, foram os anos em que adentrou no debate político sobre os rumos da sociedade brasileira, e tudo leva a crer que as opções por divulgação de determinados autores e ideias, em detrimento de outros, tomaram igualmente em conta seus posicionamentos políticos durante o período.

Exemplar dessa imbricação esteve no refinamento dos estudos sobre a dialética, conducente ao aparecimento de *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30*, livro de 1988 derivado de sua tese doutoral, além do já citado *O que é dialética*, de 1981. Em tais obras, Konder criticou as versões mecanicistas do marxismo e a apreensão deficiente da dialética hegeliano-marxiana. Ao primeiro lance, estas justas observações acerca da importância da dialética e seu correto equacionamento poderiam levar a crer tratar-se de rigor teórico livre de maiores consequências. No entanto, também elas devem ser situadas no quadro geral do desenvolvimento político das ideias do autor. Naqueles anos, Konder passou definitivamente do anti-stalinismo ao anti-leninismo, operação que comparecia, por exemplo, nas duras críticas reservadas a Luís Carlos Prestes em seu *A derrota da dialética* (KONDER, 2009a, p. 207).

Por fim, a última década de escritos dados ao público pelo autor foi a primeira do novo milênio. Além do segundo romance publicado, *A morte de Rimbaud*, em 2000, os principais livros de divulgação do período foram *A questão da ideologia*, de 2002, em que pretendeu “[...] revisitar as diversas expressões que a questão da ideologia veio assumindo desde Marx até o presente na perspectiva da esquerda, em suas diversas vertentes teóricas. O interesse do estudo, então, está inteiramente voltado para a questão como tal” (KONDER, 2002, p. 11, grifo do autor), e o mencionado *Filosofia e educação*, obra que Konder elaborou para que seus alunos do Departamento de Educação da PUC-RJ tivessem uma abordagem preliminar das relações entre pedagogia e filosofia. Neste último, consoante à profunda imbricação assinalada entre a intenção divulgadora e o caráter político de sua produção, a questão da cidadania democrática como central na luta dos socialistas após o desmantelamento da União Soviética apareceu sem rodeios (KONDER, 2006, p. 110-116).

Ainda nos anos 2000, Konder publicou seu livro de memórias, importante material de referência para o mapeamento e o estudo das posições do autor. Contudo, mesmo levando-se em conta a publicação deste e outros estudos, como *Os sofrimentos do “homem burguês”*, de 2000, e o ensaio *As artes da palavra: elementos para uma poética marxista*, de 2005, o tom geral continuou a ser de obras publicísticas.

Assim, conforme será detalhado na próxima seção, a questão que revela as escolhas teóricas terem sido imantadas por uma visão da política, procedimento encontrado nos expoentes do marxismo de matriz comunista, compareceu em Konder, com mediações, em sua atividade divulgadora. E isto ligou-se a seu pertencimento intelectual a um grupo que se pautou pelas diretrizes da *Declaração de março de 1958*, à adesão aos pressupostos do eurocomunismo e à leitura da realidade brasileira inspirada em certa apreensão das ideias de Gramsci.

O Aspecto Político

Outra dimensão da atividade intelectual de Konder pode ser localizada no aspecto propriamente político de suas ideias. Desde logo, a esse título, alguns dados mostram-se fundamentais. Em primeiro lugar, o autor possuiu adesão político-partidária ao longo da maior parte de sua vida. Desde 1951, Konder militou na

organização partidária dos comunistas, o PCB. Ao longo dos anos 1960 e 1970, Konder afastou-se progressivamente das premissas teórico-políticas do “marxismo-leninismo”, a par do crescente contato com a obra de Lukács e Gramsci. Por intermédio desse movimento teórico, o filósofo desligou-se da militância de décadas nos quadros do PCB e adentrou as fileiras do Partido dos Trabalhadores (PT), em 1989. Ali permaneceu até 2004, ano em que segmentos do PT deram origem a uma cisão e fundaram o PSoL (Partido Socialismo e Liberdade), agremiação política na qual permaneceu até o final da vida.

Em segundo lugar, igualmente importante é frisar que a atividade intelectual de Konder manteve sempre relação de autonomia diante das resoluções partidárias. E tal autonomia do pensar não descaracterizou a qualificação do autor como pertencente àquela linhagem mencionada do pensamento político e social brasileiro, a do marxismo de matriz comunista. Acerca desta linhagem, um estudioso a resumiu:

[...] reconheceu que o processo político brasileiro permitiria compatibilizar desenvolvimento do capitalismo e democracia, recusou qualquer concepção ‘explosiva’ da revolução e também apostou na ‘revolução dentro da ordem’ comandada por uma frente ampla das forças sociais modernas que aquele processo havia gerado (BRANDÃO, 2005, p. 241).

Konder pertenceu à linhagem e buscou atualizá-la no correr do tempo. De tal empreendimento participaram intelectuais diversos, alguns bastante próximos a Konder e a maioria atuando na órbita do PCB, ao menos até os anos 1980. Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira, José Paulo Netto, José Antônio Segatto, Ivan de Otero Ribeiro, Celso Frederico, Luís Sérgio Henriques, Gildo Marçal Brandão, Milton Lahuerta, Luiz Werneck Vianna, Mauro Malin, Cláudio Guedes e outros, foram alguns dos principais expoentes do marxismo de matriz comunista.

Em terceiro lugar, a influência de Lukács e especialmente a de Gramsci assomaram como fundamentais nesta interpretação teórica e política da realidade brasileira. Secco (2002, p. 110), nesse particular, assinalou que Konder consistiu em um dos autores a citar e valer-se de Gramsci com maior frequência no meio cultural brasileiro depois de 1960, interpretando seu pensamento e divulgando-o. Tal atitude deve ser inscrita no âmbito daquela interpretação do Brasil elaborada pelos marxistas de matriz comunista. E a forte influência exercida por Gramsci neste grupo de intelectuais marxistas – cujo exemplo emblemático encontra-se nas obras de Coutinho e Werneck Vianna – sedimentou uma visão do Brasil que primou pelo tema do *déficit* democrático e a necessidade de fortalecimento da sociedade civil, o qual, em linha de consequência, exigia que a luta pela hegemonia se fizesse como uma prolongada guerra de posições.

Em quarto lugar, as principais obras em que apareceram as concepções políticas de Konder – e, portanto, onde se deve verificar sua adesão aos pressupostos da família intelectual acima mencionada – foram duas: *A democracia e os comunistas no Brasil*, de 1980, e *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI*, de 1992. Considerados o Brasil e o mundo, os diferentes momentos históricos em que Konder redigiu os livros foram sintomáticos de uma guinada em suas ideias políticas, no rumo de uma crescente aproximação à concepção liberal de democracia e o abandono do horizonte socialista inerente à concepção marxista.

De um certo modo, as tensões no pensamento político e social do autor datam desde a primeira década de atuação intelectual, desde que “[...] entre 1965 e 1968, Leandro deixou de ser uma referência político-cultural no Rio de Janeiro: foi se tornando uma referência da intelectualidade marxista brasileira” (NETTO, 2009, p. 13). Viviam-se, então, um dos picos do processo de desestalinização e degelo entre os pecebistas, época na qual a antiga vulgata do “marxismo-leninismo” abriu-se à crítica e substituição por outras ideias no Brasil.

Conforme mencionado (ver *supra*), o amplo movimento de crítica ao marxismo dos tempos de Stálin começou a nível mundial em 1956 pela denúncia de Khrushchev no XX Congresso do PCUS dos crimes perpetrados contra a legalidade socialista. Khrushchev havia sido membro do alto escalão do governo soviético durante os anos de Stalin, sendo ele próprio, portanto, um stalinista. Por essa razão, as avaliações que fez da época de domínio do ditador foram limitadas e incompletas, o que levou Isaac Deutscher (1968, p. 42) a assinalar que “A desestalinização foi, a princípio, um ato de autodeterminação da burocracia.”

Além de cair como uma bomba de efeito moral no movimento comunista brasileiro, o impacto das revelações do XX Congresso do PCUS deu origem a uma nova linha política na atuação do PCB, expressa no documento que entrou para história como *Declaração de março de 1958*¹¹, e no texto *São indispensáveis a crítica e a autocritica de nossa atividade para compreender e aplicar uma nova política*, publicado no número 460 do semanário *Voz Operária* por Luiz Carlos Prestes, liderança mais representativa e secretário geral da sigla. Nesse texto, as diretrizes colocadas para atuação dos comunistas no cenário político nacional mostraram-se cristalinas: legalismo, pacifismo, gradualismo e frente única entre proletariado, campesinato, grande, média e pequena burguesia contra o imperialismo estadunidense e seus agentes internos, os latifundiários (PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO, 1980, p. 29-39). Tratava-se de uma estratégia política para a realidade brasileira que ficou conhecida por “interpretação nacional-burguesa” (BRESSER-PEREIRA, 1982, p. 273-276) ou, alternativamente, “modelo democrático-burguês” (MANTEGA, 1984, p. 158).

Na mesma quadra, despontaram Konder e outros expoentes intelectuais de sua geração de comunistas. Ao traduzir as tendências do novo momento como mudança de linha política para o solo tupiniquim, a *Declaração* havia fixado as diretrizes do reformismo e da “canonização da democracia” (MORAES, 2001), bem como reafirmado as teses da interpretação nacional-burguesa como base da estratégia política pecebista para a revolução brasileira. De sua parte, no interior do campo do marxismo de matriz comunista, Konder e outros foram responsáveis pela atualização dos termos da *Declaração* e a crítica à interpretação nacional-burguesa: atualização e crítica que, inobstante pertencerem a outra quadra histórico-social – a da segunda metade dos anos 1960 em diante –, recolocaram as determinações essenciais presentes naquela leitura da realidade. Em uma relação de ruptura com continuidade, a interpretação foi criticada, permanecendo a estratégia.

Com efeito, a obra política de Konder pode ser lida em sua inteireza como uma reposição sistemática das premissas constantes da *Declaração*, que assinalou a tática política adotada pelo PCB no curso das três décadas posteriores. O leitor que acompanhar

¹¹ Cujo título completo era *Declaração sobre a política do Partido Comunista Brasileiro*. Para detalhes sobre a elaboração do documento, ver Gorender (2014, p. 34-39). À época, Gorender militava no PCB e participou da comissão de redação.

as páginas de um livro como *A democracia e os comunistas no Brasil*, saído em 1980, por exemplo, pode constatar como a história do PCB foi apresentada sob o ângulo de uma luta, uma busca e uma tentativa enfim concretizada de equacionamento da questão democrática pelos comunistas brasileiros. Publicado no período de transição da ditadura, sua intervenção pretendeu ser uma contribuição e um re-acionamento da discussão em torno da referida questão. Isso estava de acordo com outra intervenção, verdadeiro marco do período na literatura dos marxistas de matriz comunista, *A democracia como valor universal*, seminal artigo de Coutinho (1979, p. 33-47) sobre as relações entre a luta comunista e democracia, saído no nono volume da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, que veio a lume em 1979. Konder (1980, p. 9-10), por seu turno, explicitou desde as primeiras páginas de seu livro adesão integral ao conteúdo do artigo. E o fez novamente, quase trinta anos depois, em suas *Memórias*: “O que pensávamos que era mais importante, o que melhor definia a nossa perspectiva, era o ensaio de Carlos Nelson” (KONDER, 2008, p. 115). Tal adesão não era fortuita e expressava a diretriz política inscrita na interpretação do Brasil elaborada pelo grupo intelectual ao qual pertencia Konder: influenciados por Gramsci, pelo eurocomunismo e com uma visão positiva da *Declaração*, os marxistas de matriz comunista influenciaram as esquerdas nos anos 1980 com sua aposta enfática na defesa irrestrita da democracia (BIANCHI, 2016).

Sendo assim, quais eram os elementos centrais das ideias políticas de Konder naqueles anos de liberalização do sistema político brasileiro, os mesmos que um autor acoimou de “conciliação pelo alto” (FERNANDES, 1986, p. 87-91)? Para começar, o *gradualismo*. Consoante a uma aplicação peculiar das teses de Gramsci sobre a estratégia revolucionária nas formações sociais de tipo ocidental, o autor entendia que “o fortalecimento da sociedade civil prossegue, embora de maneira lenta e por caminhos tortuosos” (KONDER, 1980, p. 131).¹² A um só tempo, tal fortalecimento implicava a assunção de uma guerra de posições¹³ enquanto modalidade de conquista da democracia, frente ao denunciado histórico sentido antidemocrático dos processos políticos e sociais no país. O progressivo fortalecimento da sociedade civil, de uma parte, e a guerra de posições, de outra, levariam eventualmente à formação de uma hegemonia das classes subalternas apta a abrir caminho ao socialismo. Um dos corolários desse modo de entender a dinâmica social brasileira estava em afirmar que “[...] a pressão das massas profundamente insatisfeitas não tende a abrir caminho para o socialismo através de uma ‘explosão’ revolucionária” (KONDER, 1980, p. 143). Por outras palavras, o tipo clássico, explosivo, de revolução *contra a ordem*, estaria anacronizado. No Brasil de Konder e os intelectuais de seu grupo, as portas da ordem anticapitalista teriam de ser abertas gradualmente, num processo de luta por aprofundamento das liberdades democráticas (“democratização”). De resto, conforme já havia sustentado Coutinho em seu artigo, a defesa da via insurrecional para tomada do poder político era entendida como manifestação de golpismo no seio da esquerda, que poderia levar ao “[...] truncamento do processo de renovação democrática” (COUTINHO, 1979, p. 45).

¹² Para o autor, nem mesmo o golpe de 1964 logrou interromper o progressivo fortalecimento da sociedade civil, erigido a *telos* do processo histórico. Para esse ponto, ver Konder (1980, p. 129).

¹³ A esse título, veja-se excerto de texto incluído na coletânea reunida em *O marxismo na batalha de ideias*: “[...] estão nos sendo impostas condições nas quais precisamos travar uma longa e complexa ‘guerra de posições’, em lugar da ‘guerra de movimentos’ que estava implícita nos horizontes tradicionais da esquerda brasileira. A força real que os marxistas podem vir a ser capazes de acumular dependerá, então, do poder de persuasão que eles venham a demonstrar.” (KONDER, 2009c, p. 42).

Como elemento central no desenvolvimento das ideias políticas de Konder, irmanado ao gradualismo, também pode ser citado o abandono do legado de Lenin como um clássico do marxismo e a recusa do leninismo como princípio de organização política. Tratou-se de um processo complexo e diferenciado no pensamento do autor, cuja inflexão data dos anos de exílio e atravessa a década de 1980, completando-se com a entrada no PT em 1989, sobre a qual Konder afirmou:

Estávamos bastante entusiasmados com a capacidade de mobilização que o PT poderia ter, como um partido claramente de esquerda e pós-leninista. Acreditávamos que a organização poderia aproveitar, internamente, uma liberdade bem maior do que aquela que havia sido possível no interior dos partidos comunistas (KONDER, 2008, p. 149).

E, com habitual transparência, resumiu o engajamento de seu grupo: “De fato, 1989 foi para meus amigos Carlos Nelson e Milton Temer, e para mim, um ano especial: nos filiamos ao PT, mergulhamos fundo na campanha eleitoral de Lula” (KONDER, 2008, p. 149).

Esse processo de afastamento do partido de tipo leninista e das ideias de Lenin como manancial teórico e prático do marxismo, por sua vez, deve ser incluído nos quadros do chamado *eurocomunismo*. Corrente teórica e política em voga nos anos de crise e desmantelamento do bloco socialista, o eurocomunismo se desenvolveu no âmbito dos principais partidos comunistas da Europa Ocidental ainda nos anos 1970: o Partido Comunista Italiano (PCI), o Partido Comunista Francês (PCF) e o Partido Comunista de Espanha (PCE). Em relação à história do movimento comunista, o eurocomunismo distinguiu-se pelo abandono do leninismo em matéria de organização (o centralismo democrático) e teoria política (a ditadura do proletariado como forma de transição socialista), bem como pelo afastamento e, em alguns casos, rompimento com a influência da URSS no âmbito das relações entre os partidos comunistas (PASQUINO, 1998, p. 451-454). Em termos de estratégia política, o material mais representativo do eurocomunismo encontrou-se no pronunciamento feito em 1977 pelo secretário-geral do PCI, Enrico Berlinguer, no contexto das comemorações dos sessenta anos da Revolução Russa, em encontro realizado em Moscou naquele ano, ocasião na qual sustentou que:

A experiência realizada [desde a Revolução Bolchevique] nos levou à conclusão — assim como aconteceu com outros partidos comunistas da Europa capitalista — de que a democracia é hoje não apenas o terreno no qual o adversário de classe é forçado a retroceder, mas é também o valor historicamente universal sobre o qual se deve fundar uma original sociedade socialista (BERLINGUER, 2006, p. 2).

Tratava-se, enfim, da democracia como valor universal, o mote que Coutinho havia utilizado para intitular seu ensaio de 1979.

Konder, por seu turno, estava em divergência com as diretrizes do PCB desde os anos de exílio, os mesmos em que se aproximou das ideias eurocomunistas. A partir de 1970, as resoluções do partido caracterizaram uma inflexão no sentido do *fascismo* por parte da ditadura brasileira, refletindo o endurecimento da repressão após o AI-5. A partir do documento *Resolução política do Comitê Executivo da Guanabara*, de 1970, e, sobretudo, *Por uma frente patriótica contra o fascismo*, de 1973, quando a nova caracterização foi assumida pelo Comitê Central, o PCB definiu que a ditadura havia

evoluído de reacionária a fascista.¹⁴ Reagindo a tal entendimento, Konder publicou seu *Introdução ao fascismo*, de 1977. Conforme anotou em suas *Memórias*: “Na época, havia quem considerasse ‘fascista’ a ditadura militar no Brasil. Essa classificação não me convencia” (KONDER, 2008, p. 110). Assim, as divergências de Konder e seu grupo com o núcleo dirigente do PCB estavam colocadas em termos estratégicos e táticos, sendo a adesão aos princípios do eurocomunismo um capítulo adicional do imbróglio. Um mapeamento das disputas internas do PCB¹⁵ durante o período mostraria que o grupo de Konder, os da corrente “renovadora” (DEL ROIO, 2002, p. 130-132) ou “eurocomunista” (CARONE, 1982, p. 11) ou, ainda, os partidários da *Declaração de março de 1958*, defendia uma linha política que prezava pela formação de uma frente ampla de luta contra a ditadura “no qual devem participar não só os operários, mas também a burguesia liberal, que no caso brasileiro inclui até os Golbery Couto e Silva” (CARONE, 1982, p. 11), cujo pressuposto estava em entender como aberto à disputa o processo de transição promovido por setores do próprio Estado de exceção. Isso implicava discordar dos leninistas que não apenas qualificavam a ditadura de fascista, como viam com ceticismo a abertura e, no caso de Prestes, convocavam em prol da aglutinação de um movimento de ruptura com a ordem.¹⁶

Assim, gradualismo, eurocomunismo, reformismo e anti-leninismo, no plano da organização (rejeição do centralismo democrático) e no da teoria (recusa da noção de ditadura do proletariado), imbricaram-se nas concepções do autor durante os anos de transição da ditadura para a Sexta República, contribuindo para bifurcar o caminho que separou Konder e seu grupo de outros comunistas brasileiros. Momento emblemático da diáspora esteve no debate disparado pelo ensaio de Coutinho, que suscitou reações em toda a linha e cuja reconstituição não é possível fazer neste espaço.¹⁷

De todo modo, as novas orientações no pensamento político de Konder, colocadas nas décadas de 1970 e 1980, completaram-se apenas nos 1990, com a publicação de *O futuro da filosofia da práxis*. Nesta obra, consumou-se o trânsito do autor do marxismo ao liberalismo em termos de ideias políticas. Escrito sob os impactos do desmantelamento do bloco socialista, após a queda do Muro de Berlim em 1989, o livro encampou uma série de teses que consolidaram tendências anteriores, a um só tempo que elaborou de modo acabado aquela adesão à democracia como valor universal.

Na obra, compareceram muitas das linhas de força que caracterizaram uma evolução política no sentido da diluição de uma concepção marxista de democracia em prol de uma liberal. Para começar, no principal capítulo do escrito, *Como Marx pode se tornar um pensador do século XXI* (KONDER, 1992, p. 129-141), Konder arguiu pela desatualidade da contraposição nuclear do *Manifesto comunista* de Marx e Engels, inscrita na centralidade do antagonismo entre burguesia e proletariado. Para o autor, o curso histórico havia demonstrado que este núcleo da luta de classes tinha de ser abandonado. E ponderava:

¹⁴ Cf. Carone (1982, p. 86) e PCB (1980, p. 209).

¹⁵ À época, o partido cindia-se entre três alas distintas: a) a facção dos comunistas alinhados com as posições de Prestes, b) os agrupados em torno da maioria do CC, encabeçados por Giocondo Dias e, por fim, c) a corrente dos eurocomunistas – e, conseqüentemente, de Konder –, representados no CC por Armênio Guedes (CARONE, 1982, p. 10-11; FREDERICO, 1998, p. 204-205).

¹⁶ Para esse ponto, ver a *Carta aos comunistas* de Prestes, escrita em março de 1980, arrolada em Carone (1982, p. 319-334). Para a crítica de Konder às posições de Prestes, ver Konder (1980, p. 138).

¹⁷ O leitor interessado pode referir-se, respectivamente, às intervenções de Genro Filho (1979), José Paulo Netto (1990), Anita Prestes (1980) e Márcio Naves (1981).

Os 'marxistas' que permanecem atrelados à contraposição dicotômica de Marx prestam inadvertidamente à burguesia o serviço de contribuir para que o movimento operário permaneça politicamente isolado, dispensando-o de tomar iniciativas que passem pelas alianças necessárias e ampliem sua área de influência. (KONDER, 1992, p. 133-134)

A interpretação de Konder almejava fundamentar-se nas mudanças ocorridas no capitalismo ao longo das últimas décadas do século XX, basicamente o crescimento do setor terciário da economia na terceira fase da Revolução Industrial e a passagem para o modelo de acumulação flexível (HARVEY, 2008). Estas alterações na estrutura produtiva, ao inserir novas mediações entre o mundo do trabalho e o do capital, teriam alterado na essência o panorama das lutas de classes.

Em adição, no primeiro capítulo, indicativo desde o título (*Marx foi um pensador do século XIX*), Konder já havia sustentado que o legado de Marx devia ser objeto de uma revisão que levasse em conta novas modalidades de luta surgidas desde a época do revolucionário alemão. No texto, essa justa observação de princípio metodológico teve por objetivo preparar a argumentação posterior, que colocou no mesmo patamar a luta especificamente anticapitalista e outras formas de luta parciais, reivindicativas e setoriais, movimento político de ideias impensável no programa do marxismo clássico. Como se sabe, no *Manifesto* encontra-se assinalado como tarefa dos comunistas o pôr sempre a ênfase na supressão da propriedade privada dos meios de produção, entendida como ponto nodal de toda exploração e opressão no capitalismo (MARX; ENGELS, 2010, p. 52).

Ao entender a luta pela derrubada da ordem burguesa como uma frente de atuação adicional para os marxistas no âmbito da miríade de movimentos sociais, a proposição de "construção de uma cidadania democrática" (KONDER, 1992, p. 136) tornava-se lógica como forma de encaminhar aquele programa de ocupação de espaços e formação de uma contra-hegemonia no âmbito da sociedade civil. Porém, esse processo foi apresentado no livro como um amoldamento dos marxistas às instituições e às regras do jogo, nos esquemas de uma conquista gradual de direitos. E o traço distintivo da atuação dos marxistas, bem como da importância da "filosofia da práxis", foi posto no poder de convencimento que "[...] lhes permite assegurar aos cidadãos, universalmente, direitos mais abrangentes e liberdades mais completas do que as propiciadas pela concepção liberal" (KONDER, 1992, p. 136).

Pluralismo, cidadania democrática, linguagem dos direitos, abdicação da perspectiva classista, entre outros, foram os elementos sugeridos para que o marxismo sobrevivesse no século XXI. Para Konder, se a atividade política dos marxistas desejasse prosperar no mundo pós-1989, teria de se adaptar ao jogo nas democracias burguesas realmente existentes. Assim, o circuito cujo ponto de partida simbólico poderia ser posto na adesão às cláusulas de canonização da democracia contidas na *Declaração de março de 1958*, passou pela leitura gramsciana da realidade brasileira e a adesão ao eurocomunismo durante os anos de exílio, completou-se em *O futuro da filosofia da práxis* na defesa *sans phrase* da cidadania democrática.

Desse modo, as ideias políticas de Konder percorreram um itinerário rico e variado no transcurso das décadas, permeado pelos acontecimentos da vida social e política brasileira, em geral, e pelos dilemas do movimento comunista, em particular. Se suas permanências e mudanças podem ser lidas contra o pano de fundo daquelas correntes teóricas e políticas já mencionadas, notadamente as premissas da *Declaração*,

o eurocomunismo e certa interpretação gramsciana do Brasil, isto não deve implicar o desmerecimento de sua particularidade. Com efeito, mesmo dentre o grupo eurocomunista que atuou nas lutas internas do PCB, suas concepções destacaram-se pela transigência, o amplo escopo histórico – presente em um livro como *A democracia e os comunistas no Brasil* – e a rejeição das concepções rupturistas de transformação social, identificadas como posturas anti-dialéticas e sectárias. E tal particularidade, simultaneamente, não deixou de fazer jus à filiação de Konder à linhagem do pensamento político brasileiro reunida no marxismo de matriz comunista que, como anotou Brandão (2005, p. 41), tomou o partido da revolução dentro da ordem.

O Aspecto Estético

Além da qualidade divulgadora e das ideias políticas contidas na obra de Konder, faz-se necessário mencionar, ainda que de modo breve, suas qualidades como repositório de concepções sobre a arte e sua especificidade, segundo uma angulação marxista. Desde a publicação de *Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista*, em 1967, afirmou-se em sua produção o traço que conferiu importância à especificidade da arte nas formas de conhecimento do mundo. Se a publicação desta obra “[...] foi um acontecimento cultural” (FREDERICO, 2013, p. 11), conforme anotou um estudioso, isto se deveu à capacidade de Konder resgatar e sintetizar as concepções de arte presentes em diferentes autores marxistas, de Marx a Lukács. Ali, Konder demonstrou toda a força de suas habilidades como divulgador, assim como filiou-se explicitamente à perspectiva de Lukács em temas estéticos (KONDER, 2013, p. 204). Contudo, mais que obra de discípulo lukácsiano, *Os marxistas e a arte* também revelou aquela tendência intelectual da qual o grupo de Konder extraiu uma de suas fontes permanentes de riqueza, qual seja, o diálogo entre as obras de Lukács e Gramsci. Após lamentar que numa carta que lhe enviou Lukács admitiu que não havia tomado contato com os escritos de Gramsci, Konder asseverou da importância de considerar a contribuição do comunista italiano, e encontrar no *mix* de ambas as abordagens um enriquecimento da aplicação do marxismo a problemas estéticos. E assim resumiu o programa: “A assimilação da flexibilidade e capacidade de aclimação de Gramsci ao rigor teórico de Lukács apresenta problemas numerosos e delicados: mas nos parece constituir o caminho mais fecundo para o desenvolvimento da estética marxista” (KONDER, 2013, p. 201).

Conforme mencionado acima, a abertura de espírito e o desenho de interesses desenvolvidos posteriormente compareceram desde os anos 1960 na obra de Konder, e o aspecto estético não constituiu exceção neste particular. A publicação do artigo sobre Fernando Pessoa na *Estudos sociais*, em 1961, foi retomada mais de quarenta anos depois em suas reflexões estéticas presentes em *As artes da palavra: elementos para uma poética marxista*, de 2005. Neste último, o poeta português foi apreendido como representante da grande arte, que na escola de Lukács é sempre realista. Mesmo reconhecendo tratar-se de um realismo problemático (KONDER, 2005, p. 99), na medida em que a obra de Pessoa não apresenta as formas e conteúdos típicos do humanismo clássico, Konder não hesitou em considerá-lo na companhia de um Balzac e um Goethe. E lançou a hipótese: “Sua poesia, afinal, talvez tenha um caráter humanista virado pelo avesso, talvez tenha posto o realismo de cabeça para baixo (de algum modo, renovando-o) [...]” (KONDER, 2005, p. 101). A força evocativa da poesia de Pessoa, presente como repositório fecundo

de questões e prazer estético, permitiu a Konder concluir: “[...] se toda grande arte é realista, então a poesia de Fernando Pessoa é realista. Porque – não há como negar – a poesia de Fernando Pessoa é *grande arte*” (KONDER, 2005, p. 101, grifo do autor).

Assim, a recuperação e valorização estética de autores pouco frequentados, e até malvistas pela tradição marxista, foi recorrente na produção konderiana. Nos anos 1960, além do artigo sobre Pessoa, o livro sobre Kafka havia materializado este aspecto não-ortodoxo de sua reflexão estética – que também esteve presente em suas visões da política. Nos anos de exílio, apesar de não dedicar nenhuma reflexão sistemática sobre problemas estéticos, o autor leu toda a *Comédia humana* de Balzac (KONDER, 2008, p. 90) e reuniu os materiais que levaram à densa apresentação e organização da coletânea *Lukács*, saída em 1980 pela editora L&PM. O filósofo húngaro foi, de fato, a referência insuperável para assuntos estéticos ao longo de toda sua trajetória intelectual. Amostra disto, em 2005, quase cinquenta anos depois da publicação de *Os marxistas e a arte*, obra em que pela primeira vez apareceu como discípulo de Lukács, Konder anotava em *As artes da palavra*:

Lukács, ao que tudo indica, recusa-se a morrer. Não tem o prestígio de outrora, não exerce a influência que já exerceu. Em alguns ambientes intelectuais é francamente execrado. No entanto, sua sobrevivência nestes últimos trinta anos indica uma possível fecundidade de algumas das suas categorias, especialmente de alguns dos seus conceitos estéticos (KONDER, 2005, p. 71-72).

Novamente, Lukács em questões estéticas, Gramsci para assuntos políticos: eis a chave simplificada de leitura que fez jus aos desenvolvimentos teóricos e políticos no pensamento de Konder.

Ainda na seção de escritos sobre problemas estéticos, devem ser mencionados dois livros acerca de importantes escritores alemães: o excelente *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*, de 1988, prefaciado por Antonio Candido, e o pequeno livro sobre *A poesia de Brecht e a história*, de 1996, redigido depois de lida toda a obra do teatrólogo alemão. Como de praxe, em tais obras conjugaram-se o talento de divulgador e o estudioso de teoria da arte.

Por fim, as incursões de Konder no terreno da ficção também devem figurar dentre as iniciativas pertencentes ao aspecto estético de sua obra. Nas páginas de *Bartolomeu*, o leitor encontrará algumas das ideias políticas de Konder repisadas, sob os discursos proferidos pelo anão-protagonista, demonstrando a imbricação de todos os aspectos de sua produção: a crítica à ortodoxia em matéria de marxismo, o afastamento do socialismo real, a ideia de que “[...] o marxismo-leninismo era uma construção teórica estúpida e empobrecedora” (KONDER, 1995, p. 46), encontram-se ali vocalizadas. *A morte de Rimbaud*, por seu turno, expressou o apreço do filósofo carioca pela literatura do gênero romance policial, cultivada ao longo da vida e inspiradora da obra em que personalidades notáveis do mundo das artes, convertidas em personagens, unem-se em uma trama desenvolvida em torno do mistério do assassinato do jovem poeta, e também *enfant terrible*, Arthur Rimbaud.

Tendo isso em vista, afigura-se razoável encontrar as raízes políticas do pensamento de Konder também em considerações sobre teoria da arte e suas expressões. Mesmo quando considerou a especificidade da produção estética, o autor não descurou de suas convicções acerca do valor universal da democracia, da

importância de uma arte ligada a tais valores e do papel reservado às criações artísticas na luta pela conquista da hegemonia, de acordo com o programa inscrito nos postulados do marxismo de matriz comunista.

Últimas Considerações: Uma Obra Aberta

Considerada em sua faceta divulgadora, política e estética, a obra de Konder se apresenta como um rico mosaico de temas, bem como fonte de questões por explorar. A sua intenção formativa e informativa permite qualificá-la como uma tentativa de afirmação de determinadas posições intelectuais, mas também políticas, desde um ponto de vista assumidamente crítico e marxista.

Os que escreveram rendendo homenagens, por ocasião do falecimento do autor, foram unânimes em afirmar as qualidades transigentes, humoradas e abertas de seu estilo, e, portanto, de seu pensar. Aquele que foi alcunhado de “um amável marxista” (NETTO, 2014), o “afável, não sectário, modesto, nada professoral, sempre disposto a ouvir e a se reformular” (NOGUEIRA, 2014), o “profundamente generoso, humano e criativo” (LÖWY, 2014), legou uma obra diversificada a ponto de merecer a consideração de seus problemas e também, conseqüentemente, a crítica.

Como merecedora de uma abordagem crítica e fecundo repositório de problemas, isto é, como expoente do pensamento político e social brasileiro, tentou-se apresentar nas páginas acima a obra de Konder. E a intenção de que o seu aspecto divulgador, conquanto inegavelmente proeminente, não venha a eclipsar a presença de uma visão da política e a riqueza de problemas que por sua vez coloca, ressalta como um dos objetivos fulcrais do presente artigo. Se, ao cabo, o leitor sentir-se convidado a dirigir-lhe outras perguntas, tocado pelo poder evocativo das dimensões aqui abrangidas, o intento dos autores na elaboração desta síntese poderá ser dado como plenamente realizado.

Lista de Obras

60's — *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação* (1965); *Kafka. Vida e obra* (1966); *Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista* (1967); *Marx. Vida e obra* (1968);

70's — *Introdução ao fascismo* (1977);

80's — *A democracia e os comunistas no Brasil* (1980); *Lukács* (1980); *O que é dialética* (1981); *Barão de Itararé: o humorista da democracia* (1981); *O marxismo na batalha das ideias* (1984); *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30* (1988); *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia* (1988);

90's — *Hegel: a razão quase enlouquecida* (1991); *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI* (1992); *Flora Tristan: uma vida de mulher, uma paixão socialista* (1994); *Bartolomeu: a vida gloriosa e os feitos memoráveis de Bartolomeu da Pogúncia, o maior anão do mundo* (1995); *As ideias socialistas no Brasil* (1995); *A poesia de Brecht e a história* (1996); *Fourier: o socialismo do prazer* (1998);

00's — *O indivíduo no socialismo* (2000); *A morte de Rimbaud* (2000); *Os sofrimentos do “homem burguês”* (2000); *A questão da ideologia* (2002); *As artes da palavra: elementos para uma poética marxista* (2005); *Filosofia e educação: de Sócrates a Habermas* (2006); *Sobre o amor* (2007); *Memórias de um intelectual comunista* (2008); *Em torno de Marx* (2010).

Referências

- BERLINGUER, Enrico. A democracia como valor universal. Tradução Marco Mondaini. *Acessa.Com*, 2006. Disponível em: <https://www.acessa.com/gramsci/?id=572&page=visualizar>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- BIANCHI, Álvaro. O Brasil dos gramscianos. *Crítica marxista*, São Paulo, n. 43, p. 107-116, 2016.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento político brasileiro. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 231-269, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/DPMQDggPd76RKFzCHgTM64S/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. O partido comunista como “esquerda positiva”. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 35, p. 183-201, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/CS9hYFffQy6rNn4fYZS9yKG/?lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- BRESSER-PEREIRA, Luís Carlos. Seis interpretações sobre o Brasil. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 269-306, 1982. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1dtxH5eiRqa4eQ1JkWmY3ZJCZfPQm9Xxc/edit>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- CARONE, Edgar. *O PCB. 1964 a 1982*. São Paulo: DIFEL, 1982
- CLAUDÍN, Fernando. *A crise do movimento comunista*. Tradução José Paulo Netto. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 33-47, 1979. Disponível em: <http://www.danielherz.com.br/system/files/acervo/ADELMO/Artigos/A%20Democracia%20como%20Valor%20Universal.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Derrota e revanche da dialética. In: KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 7-17.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Um filósofo democrático. In: PINASSI, Maria Orlanda (org.). *Leandro Konder: a revanche da dialética*. São Paulo: Editora UNESP: Editora Boitempo, 2002. p. 15-29.
- DEL ROIO, Marcos. Leandro Konder: um capítulo da história dos intelectuais. In: PINASSI, Maria Orlanda (org.). *Leandro Konder: a revanche da dialética*. São Paulo: Editora UNESP: Editora Boitempo, 2002. p. 127-143.
- DEUTSCHER, Isaac. *Ironias da história: ensaios sobre o comunismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FERNANDES, Florestan. *Que tipo de república?*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FREDERICO, Celso. A política cultural e os comunistas. In: MORAES, João Quartim de. *História do marxismo no Brasil: os influxos teóricos, II*. São Paulo: Editora UNICAMP, 1998.
- FREDERICO, Celso. Cordialidade e convicção: notas sobre Leandro Konder. In: KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 9-17. (Coleção Arte e Sociedade)
- GENRO FILHO, Adelmo. A democracia como valor operário e popular. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 195-202, 1979.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 5. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2014.
- GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009a.

- KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KONDER, Leandro. *As artes da palavra: elementos para uma poética marxista*. São Paulo: Boitempo, 2005a.
- KONDER, Leandro. *Barão de Itararé: o humorista da democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- KONDER, Leandro. *Bartolomeu: a vida gloriosa e os feitos memoráveis de Bartolomeu da Pogúncia, o maior anão do mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- KONDER, Leandro. Entrevista. [Entrevista concedida à Maria Orlanda Pinassi e Emir Sader. *Revista Margem Esquerda: ensaios marxistas*, São Paulo, n. 5, p. 11-29, 2005b. Disponível em: https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2013/05/Margem-Esquerda-5_entrevista-Leandro-Konder.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.
- KONDER, Leandro. *Filosofia e educação: de Sócrates a Habermas*. Rio de Janeiro: Forma&Ação, 2006.
- KONDER, Leandro. *Marx: vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- KONDER, Leandro. *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009b.
- KONDER, Leandro. *Memórias de um intelectual comunista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KONDER, Leandro. *O marxismo na batalha das ideias*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009c.
- KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- KONDER, Leandro. O que é dialética. In: PRADO JUNIOR, Caio; CHAUÍ, Marilena; KONDER, Leandro. *O que é filosofia, ideologia, dialética*. São Paulo: Círculo do Livro, p. 143-187, 1989.
- LÖWY, Michael. Leandro Konder (1936-2014): marxista impenitente. Blog da Boitempo. 24 nov. 2014. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/11/24/leandro-konder-1936-2014-marxista-impenitente/>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- LUKÁCS, György. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- MANTEGA, Guido. *A economia política brasileira*. Rio de Janeiro: Polis: Vozes, 1984.
- MÁREK, Franz. A desagregação do stalinismo. In: HOBSBAWM, Eric. (org.). *História do marxismo X: o marxismo na época da Terceira Internacional: de Gramsci à crise do stalinismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 307-321.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Organizado Osvaldo Coggiola; Tradução Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MORAES, João Quartim de. Contra a canonização da democracia. *Crítica Marxista*, n. 12, p. 9-40, 2001. Disponível em: https://www3.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo71Artigo%201.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.
- NAVES, Márcio. Contribuição ao debate sobre a democracia. *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, v. 10, p. 111-128, 1981. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2017/08/M%C3%A1rcio-Naves-Contribui%C3%A7ao-ao-debate-sobre-a-democracia.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- NETTO, José Paulo. Notas sobre democracia e transição socialista. In: NETTO, José Paulo. *Democracia e transição socialista: escritos de teoria e política*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. p. 69-105.
- NETTO, José Paulo. *Um adorável marxista: Leandro Konder (1935 – 2014)*. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/11/18/um-adoravel-marxista-leandro-konder-1935-2014/>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- NETTO, José Paulo. Um livro que resistiu à passagem do tempo. In: KONDER, Leandro. *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 11-23.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. O marxismo de Leandro Konder (1936-2014), ode ao pensamento crítico e à democracia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 nov. 2014, Política. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/marco-aurelio-nogueira/o-marxismo-de-leandro-konder-1936-2014-ode-ao-pensamento-critico-e-a-democracia/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. *PCB: vinte anos de política 1958-1979 (documentos)*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

PASQUINO, Gianfranco. Eurocomunismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 450-456.

PRESTES, Anita Leocádia. A que herança os comunistas devem renunciar?. *Oitenta*, n. 4, p. 197-223, 1980. Disponível em: http://www.ilcp.org.br/prestes/images/stories/florestan/A_QUE_HERANCA.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

SECCO, Lincoln. Leandro Konder: leitor de Gramsci. In: PINASSI, Maria Orlanda. (org.). *Leandro Konder: a revanche da dialética*. São Paulo: Editora UNESP: Editora Boitempo, 2002. p. 103-115.

SEGATTO, José Antônio. *Breve história do PCB*. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

Declaração de Co-Autoria: Mateus Tuzzin de Oliveira declara que sua participação derivou do tratamento e estudo da obra de Leandro Konder, especialmente em sua faceta política, ficando responsável pela redação das seções "Um expoente por desvendar", "O Aspecto divulgador" e "O aspecto político". Nagel Fagundes, por sua vez, declara ter-se concentrado no aspecto estético da obra do autor, tendo sido responsável pelas seções "O aspecto estético", "Últimas considerações: uma obra aberta", além da elaboração do quadro da "Lista de obras".

*Minicurrículo do/as Autore/as:

Mateus Tuzzin de Oliveira. Mestre em Ciências Sociais Universidade Federal de Santa Maria (2018). Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: tuzzinmateus@gmail.com.

Nagel de Oliveira Fagundes. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (2020). Doutoranda em Sociologia junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: nagelsweet@hotmail.com.